



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

LICENCIATURA EM TEATRO

DENISE LOPES LEAL

PISAR É PENSAR COM OS PÉS
O percurso de uma artista docente

BELO HORIZONTE - MG

2024

DENISE LOPES LEAL

PISAR É PENSAR COM OS PÉS
O percurso de uma artista docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Belas Artes, sob orientação do Prof. Dr. Vinícius da Silva Lírio, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

BELO HORIZONTE - MG

2024

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer todo mundo que esteve, estão e estarão comigo neste percurso. Na vida, nos palcos, na sala de aula, na sala de ensaio, nas oficinas, na estrada, na Van, no avião, em MG, no MS, em SC, em SP...

Tenho muita sorte por ter uma família que sempre apoia todas as minhas escolhas. Muito obrigada Mainha e Painho, Marli e Antônio, que não medem esforços até hoje pra me ver feliz. Minha irmã Dani, que sempre me incentivou a estudar, e que é um exemplo pra mim. Meu cunhado Wagner pela parceria em tudo, sei que posso sempre contar com ele. Bento e Lana, meus sobrinhos que me ensinam tanto todos os dias a leveza da vida, e que devemos brincar e ser feliz. Na vida a gente não faz nada sozinha, por isso agradeço a Nádia, pela parceria de sempre, pela coragem e por caminhar do meu lado.

Numa linha do tempo, em ordem cronológica, agradeço ao Grupo Galpão, que mesmo sem saber, traçou o meu destino de ser artista, mesmo quando eu tinha apenas 7 anos. Viva o teatro! Agradeço a Trupe Pirulinga, meu primeiro grupo de teatro, em especial a Nahn de Andrade, um grande professor e incentivador para que eu fizesse teatro. Muito obrigada Odilon Esteves e Nety Barros, professores de teatro que tive no Colégio Arnaldo, onde eu me abri para o mundo. Agradeço aos meus colegas e professores artistas do CEFAR, onde eu pude experimentar o fazer teatral em todas as formas e onde eu me descobri, me (re)conheci e me tornei quem sou. Obrigada professores do CEFAR, Gloria, Lucinha, Ângela, Bones, Gradim, Gil, Claudio, Silvana, Ricardo, Lenine, Ju, Inês, Aguida, Ivanete, Garrocho, Walmir, obrigada! Um salve ao grupo espanca! primeiro grupo de teatro profissional que tive o privilégio de fazer parte e aprender muito sobre o fazer teatral, sobre resistência. Obrigada a cada grupo de teatro, a cada parceira e parceiro de cena e a cada diretora que cruzou o meu caminho, Grace Passô, Mariana Muniz, Marina Arthuzzi, Marina Viana, Mariana Blanco, Dayane Lacerda, Juliana Pautilla, Rodrigo Jerônimo, Gustavo Bones, Marcelo Castro, Aline Vila Real, Lenine Martins, Fernanda Vianna. Agradeço muito meus primeiros alunos, que no ano de 2015 me mostraram que o ensino de teatro é essencial na vida de qualquer pessoa. Aos parceiros de cena de Fabulas Errantes, A tardinha no ocidente, Se essa rua fosse minha, Memoria perdida ou tudo não existe, Todos os animais são iguais, Passaarão, Berenice e Soriano, Atos Teatrais, Eu me enchi de folhas, Quarança, com vocês aprendi que o teatro é a arte do encontro e que não se faz teatro só.

Aos meus amigos da Sobrilá Cia de Teatro, agradeço pela amizade e pela coragem de fazer e ensinar teatro. Dezin e Batatinha obrigada por tudo!

Agradeço a todos e a tudo que vivi em Dourados, no Mato Grosso do Sul, uma aventura cheia de amor e aprendizado. Agradeço por cada momento compartilhado, cada trabalho artístico criado, muito obrigada Vagamundas de Teatro, onde ao lado de Arami Arguello criamos alguns trabalhos e um deles, “Pisar é pensar com os pés”, dá o título a este TCC! Obrigada! Agradeço ao Coletivo As lagartas, pelas criações e respiros ao longo da pandemia. Um agradecimento mais que especial as comunidades indígenas de Dourados, em especial a Aldeia Jaguapiru, as crianças e onde agradeço imensamente aos ensinamentos de Dona Floriza. Obrigada a todo mundo do Casulo Espaço de Cultura e Arte. Um muito obrigada a todas, todos e todes alunos e professores da Universidade Federal da Grande Dourados. E nessa estrada agradeço as oportunidades que tive em São Paulo, como Arte-Educadora, principalmente no Instituto Gustavo Rosa onde tive a oportunidade de ensinar através da arte. Agradeço as minhas amigas sócias parceiras companheiras de empreitada por abriremos juntas as portas da Casa Amarela Centro Cultural, obrigada Massu, Paola, Nádia e Sofia, por tudo e por tanto. Meu muito obrigada ao Colégio Augustus, em especial a Professora Ana Carolina da qual fui estagiária e a todos os alunos do 1º período ao 5º ano, onde tive a felicidade de conviver e aprender muito. E a Escola Estadual José Luiz Gonzaga Ferreira em Ravena, e ao Professor Guilherme, onde fiz meu último estágio já com alunos do Ensino Médio. Com estes estágios, tive a certeza de que queria ser Professora de Teatro.

Em ordem cronológica, por isso ficou aqui embaixo um agradecimento muito importante ao professor e orientador deste trabalho, Vinícius Lírio, pelas correções, acompanhamento, confiança, apoio e dedicação. Muito Obrigada! Agradeço a todos professores e colegas da Universidade Federal de Minas Gerais. Muito obrigada Dayane Lacerda e Gil Amâncio, artistas educadores que eu admiro tanto, que fazem parte da minha trajetória e que toparam fazer parte da nossa Banca.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a todas, todes e todos os alunos que atravessaram o meu percurso, com muita troca, entrega e que compartilharam comigo um pouco de si. Agradeço meus atuais alunos, crianças, adolescente e adultos que me mostram diariamente, que independente da idade, o teatro pode proporcionar ferramentas para se lidar melhor com a vida, tanto para os alunos quanto para nós professores.

Este agradecimento também é uma forma de ver o meu percurso através de pessoas que caminharam junto, e que me mostraram que caminhar é uma forma de escuta e que *pisar, é pensar com os pés.*

Muito Obrigada!

*“Cada um lê com os olhos que tem.
E interpreta a partir de onde os pés pisam.
Todo ponto de vista é a vista de um ponto.”*

Thaís Bruni

**PISAR É PENSAR COM OS PÉS:
O percurso de uma artista docente**

Denise Lopes Leal¹

Prof. Orientador: Vinícius da Silva Lório²



Resumo: Este texto traça o percurso de uma artista-docente, explorando suas experiências e vivências ao longo de sua vida. Com o desafio de escrever um texto acadêmico em forma de artigo, foi criada uma escrita que narra a história de uma menina de Sabará que foi transformada pela arte teatral e se tornou artista e professora de teatro. A narrativa percorre sua jornada pelo teatro amador, sua formação em teatro profissionalizante e sua trajetória na Universidade. Através das experiências dos palcos, da sala de aula e de várias cidades e estados do país, o texto entrelaça a escrita acadêmica com a escrita dramática. O percurso compartilhado revela a trajetória e a formação desta artista-docente, mostrando como suas vivências moldaram sua carreira e identidade profissional.

Palavras-chave: Artista-Docente; Percurso formativo; Trajetória artística

Abstract: This text traces the journey of an artist-teacher, exploring her experiences throughout her life. With the challenge of writing an academic text in the form of an article, a piece of writing was created that tells the story of a girl from Sabará who was transformed by theatrical

¹ Atriz formada pelo Centro de Formação Artística (CEFAR) do Palácio das Artes em 2010 e aluna da graduação em Licenciatura de Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando nos cursos de Licenciatura em Teatro, Pedagogia e no Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre).

art and became an artist and theater teacher. The narrative covers his journey through amateur theater, his training in professional theater and his trajectory at University. Through experiences on stage, in the classroom and in various cities and states across the country, the text intertwines academic writing with dramaturgical writing. The shared journey reveals the trajectory and training of this artist-teacher, showing how her experiences shaped her career and professional identity.

Keywords: Teaching Artist; Training path; Artistic trajectory

Prólogo

Gostaria de fazer um TCC que realmente tivesse um significado para mim e que fizesse um sentido para quem o ler.

Sou uma artista.

Sou uma atriz.

Sou professora de teatro.

Esse texto fala de uma artista que se tornou, ou, que está se tornando uma professora de teatro. Num país onde docente não tem seu valor, imagine: ensinar arte, ensinar teatro, ser artista, ser professor/a.

Começo escrevendo para você que é artista, como eu, e tem o desejo e a necessidade de ensinar, de compartilhar, de trocar com seus alunos e alunas sobre o fazer teatral.

Eu queria mesmo era estar em cena apresentando para todo mundo. Pois é isso que eu sei fazer, é este o meu lugar. Queria que isso daqui fosse um espetáculo de teatro.

Então, por que não, escrever uma dramaturgia?

É isso, vou escrever uma peça de teatro, um texto dramático, um monólogo, o mais detalhado possível, para que possamos imaginar juntos.

A potência de um texto dramático para narrar uma história reside em sua capacidade única de juntar elementos literários e performativos, criando uma experiência imersiva e multifacetada para quem o lê. Diferentemente de outras formas de narrativa, a dramaturgia utiliza diálogos, monólogos, ações e interações entre personagens para tecer uma história.

Então te convido a criar imagens com esta escrita.

Palavras que vão virar imagens.

A escolha metodológica da autobiografia para a escrita deste texto é para oferecer uma abordagem singular e íntima para explorar e comunicar minhas experiências pessoais. Utilizar a autobiografia tem diversas implicações e benefícios que enriquecem a narrativa e a

compreensão de quem lê, pois essa escolha me permite contar minha própria história, narrando minhas experiências e sentimentos.

Também busquei refazer meu percurso formativo e rever o que ficou das práticas dos professores que tive na minha história de vida e em minha formação. Esse movimento faz sentido, aqui, porque, segundo professora e pesquisadora francesa Marie-Chistine Josso (1999 apud Polon, 2009, p. 1223), "o sujeito, ao reconstruir o seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside essa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas [...]".

Trago ainda o que Josso fala em seu livro *Experiências de Vida e Formação*, no qual ela aponta a importância de refletir sobre a formação e autoformação por meio das vivências que tivemos. Para ela, "essas vivências atingem o status de experiência a partir do trabalho de reflexão sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido" (Josso, 2010, p. 48. Por isso, o principal foco foi a rememoração e reflexão das memórias individuais e coletivas, a fim de se tornarem experiências.

Nesse trabalho estão presentes histórias, memórias e experiências que me constituem enquanto artista e docente de teatro. Por meio da reflexão decorrida durante as páginas desse trabalho, reconheço a influência das minhas experiências na forma como venho atuando nas aulas ministradas junto ao grupo de teatro Sobrilá Cia de Teatro.

Silêncio.

Desliguem os celulares.

Primeiro sinal.

Segundo sinal.

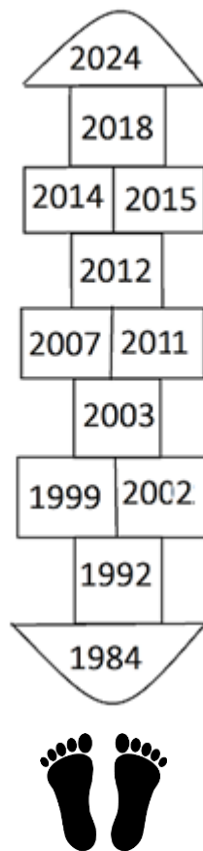
Terceiro sinal.

Black out.

As cortinas se abrem.

No palco um foco se acende. No chão um desenho de uma amarelinha, feita com giz. Que ao invés de ter números crescentes que começa do número 1 e vai até o 10, é uma amarelinha com datas, que começa do ano de 1984 e vai até 2024. Com datas pontuais, não, necessariamente, indo de ano a ano, como mostra a figura abaixo. Ao fundo tem um telão, uma projeção: "*Pisar é pensar com os pés*" e imagens de pés/pegadas, formando um caminho.

Figura 1 - Amarelinha



Ato 1 - Da infância ao CEFAR

Ela entra.

Descalça.

Vai até boca de cena, coloca os pés no ano de 1984, olha para o público e diz:

Boa noite! Meu nome é Denise Lopes Leal, sou engenheira ambiental - sim, eu sou engenheira, contarei isso melhor mais pra frente. Sou atriz e graduanda em Licenciatura em Teatro pela UFMG. Sou sabarense, nascida e criada em Sabará-MG, desde o dia 29 de novembro de 1984. Filha caçula de Marli Lopes Leal e de Antônio Gouvea Leal, irmã de Daniele Lopes Leal e tia de Bento e Lana.

Vamos jogar?

Ela mostra uma pedrinha em sua mão e joga no ano de 1992. Ao fundo, imagens vão se passando no telão, fotos e vídeos da sua infância e da sua família na cidade de Sabará.

Em 1992, eu tinha 7 anos de idade, quando, no adro da Igreja do Carmo, ao lado da casa da minha avó materna, ia ter uma apresentação de teatro. Era Grupo Galpão³, com o espetáculo de rua *Romeu e Julieta*⁴.

Considerado um marco na trajetória do Grupo Galpão e um dos espetáculos mais significativos do teatro brasileiro na década de 1990, *Romeu e Julieta* somou 303 apresentações, em 13 anos de existência. Além das duas temporadas no Shakespeare's Globe Theatre, na Inglaterra, em 2000 e 2012, o espetáculo viajou por todo o Brasil e por vários países da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa. A montagem teve uma primeira versão, de setembro de 1992 a abril de 1994, cujas apresentações foram interrompidas pela trágica morte da atriz Wanda Fernandes, que fazia o papel de Julieta. A segunda versão, com a atriz Fernanda Vianna foi apresentada de maio de 1995 a março de 2003. Em 2012, a peça foi remontada para as comemorações dos 30 anos do Grupo Galpão e para a participação nas Olimpíadas Culturais de Londres.

Eu nunca tinha visto algo parecido com aquilo, mas fiquei encantada. Foi a primeira vez, na minha vida, que assisti a uma peça de teatro e, mais do que isso, um espetáculo na rua. O diretor da peça, Gabriel Villela⁵ e o Galpão transpuseram a tragédia de dois jovens apaixonados para o contexto da cultura popular brasileira, evocada por elementos presentes no cenário, nos adereços, na música e na figura do narrador, que rege toda a peça, com uma linguagem inspirada em Guimarães Rosa e no sertão mineiro. Considerado um marco na trajetória do Grupo Galpão e um dos espetáculos mais significativos do teatro brasileiro, na década de 1990.

Não sabia muito bem o que era, mas queria fazer igual, queria fazer aquilo com as pessoas, queria que todo mundo sentisse o que eu senti, naquele dia. Naquela época era muito criança, mas algum tempo depois eu consegui identificar que foi uma experiência única e profundamente envolvente, capaz de despertar em mim uma ampla gama de sentimentos e reflexões.

Desde o momento em que os atores estavam se arrumando no camarim, na casa da minha avó, já tinha uma expectativa palpável no ar, uma sensação de que algo mágico estava prestes a acontecer. Quando começou a peça, fui transportada a um mundo completamente novo, onde

³ O Grupo Galpão é uma companhia de teatro originária do teatro de rua de Belo Horizonte. Fundado em 1982, por Teuda Bara, Eduardo Moreira, Wanda Fernandes e Antônio Edson, teve sua primeira peça, *E a Noiva Não Quer Casar*, encenada na Praça Sete de Setembro, área central de Belo Horizonte, em novembro do mesmo ano.

⁴ *Romeu e Julieta* é uma tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de William Shakespeare, sobre dois adolescentes cuja morte acaba unindo suas famílias, outrora em pé de guerra.

⁵ Antônio Gabriel Santana Villela é um diretor de teatro, cenógrafo e figurinista brasileiro. Dirigiu mais de 45 espetáculos entre adultos e infantis. Formou-se no curso de formação de diretores da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

os personagens ganhavam vida diante dos meus olhos. Tudo me envolvia de maneira intensa, fazendo com que eu me sentisse parte da narrativa. As palavras, gestos e expressões me tocaram de forma direta, provocando risos, lágrimas, tensão e alívio.

Isso vai ao encontro do que diz a educadora Ana Mae Barbosa⁶ (2019, p. 3)

[...] se a arte não se ensina, se aprende. Agora eu já acho que não sei se vai mais além, se contamina com a arte. É diferente, uma pessoa contaminada pela arte, ela age, ela busca por ela própria mais arte, e se alimenta sempre de arte. Agora, como eu vou colocar isso teoricamente, sem pesquisa, eu não sei.

A casa da minha avó era a única casa próxima à igreja. Então, lá foi o camarim dos artistas. E claro eu não perdi a oportunidade de participar, de alguma forma: carregando coisas de lá pra cá, ajudando na montagem e em tudo que podia e eles deixavam. Aqui, foi a primeira virada de chave que eu tive na vida, com relação ao fazer teatral.

Ela fecha os olhos e começa a se lembrar deste dia, ao fundo são projetadas imagens do espetáculo Romeu e Julieta, do Grupo Galpão. Ela canta e pede ao público que cante junto Flor, minha Flor⁷:

*Flor minha flor
Flor, vem cá!
Flor minha flor
Laia laia laia*

*Flor minha flor
Flor, vem cá!
Flor minha flor
Laia laia laia*

*O anel que tu me deste
Flor vem cá
Era vidro e se quebrou
Flor vem cá
O amor que tu me tinhas
Flor vem cá
Era pouco e se acabou
Laia laia laia*

Flor minha flor

⁶ A professora Ana Mae Barbosa é um dos maiores nomes em ensino de Arte no Brasil. Formada em um período em que a Academia não voltava os olhos para o tema, abriu caminho por conta própria, embarcando em bolsas do marido para estudar mestrado e doutorado na área das Artes Visuais nos Estados Unidos. Voltou e começou a ter seus primeiros alunos, que, por sua vez, levavam o interesse pelo tema para suas universidades.

⁷ Flor, minha Flor é uma música criada pelo Grupo Galpão e faz parte da trilha sonora do espetáculo Romeu e Julieta, dirigido por Gabriel Villela e estreado em setembro de 1992. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/grupo-galpao/1591082/>. Acesso em: 12 Jul. 2024

*Flor, vem cá!
Flor minha flor
Laia laia laia*

E, como o Romeu, ela interpreta este trecho:

*Quem será aquela moça lá no fundo
Que dá a mão ao cavaleiro agora?
Ó ela ensina as luzes a brilhar
Dir-se-ia que pende da face da noite
Como brinco da orelha de um etíope
Ela é pura demais pra ser conquistada
Mas é bela demais para não ser amada
Vou ver depois da dança onde ela está
A minha mão se purificará tocando a sua mão
Coração, coração, tu já terás amado alguma vez?
Oh não, os meus olhos negam com firmeza
Pela primeira vez vejo a beleza!*

Assistir a uma peça de teatro de rua é uma experiência estética, para mim, foi muito diferente das apresentações em espaços fechados e convencionais. O teatro de rua pode levar a magia dessa arte para espaços públicos e se integra, direta ou indiretamente, ao cotidiano das pessoas. Eu estava ali, nos bastidores, ajudando os atores no camarim. Quando sentei no chão, para assistir, foi uma emoção muito grande. Como já disse, era a primeira vez na minha vida que eu estava assistindo a uma peça de teatro e na rua. Ao fundo tinha a Igreja do Carmo, o espaço onde eu cresci, onde eu brincava com meus primos, que tinha se transformado num palco. Os figurinos, as músicas e aquela linda manhã de sol me deixaram quase que paralisada. Acho que foi por tudo isso, que mesmo tão nova, com apenas 7 anos, eu me senti transformada após assistir à peça. O que me despertou a querer experimentar o fazer teatral.

É claro que não consegui compreender tudo isso naquela época, mas, ao longo dos anos, fui compreendendo a importância da arte na nossa vida. E como a arte pode realmente transformar as pessoas.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 1999.

Em minha vivência na Educação Básica, como aluna de Escola Pública, eu nunca tive a oportunidade de ter em sala de aula um artista-professor. O ensino de Arte que recebi, em sua maior parte, era de estudos majoritariamente teóricos. Todos os dias, eram apresentados artistas diferentes que foram importantes na história da arte e suas obras mais relevantes. Aulas que tinham propostas de trabalhos práticos eram raras, quando acontecia se tratava apenas de atividades isoladas.

Dos 7 aos 12 anos, estudei da 1ª a 4ª na Escola Estadual Paula Rocha e a 5ª e a 6ª série na Escola Estadual Professor Zoroastro Viana Passos. Elas são duas escolas públicas tradicionais de Sabará, localizadas na Praça Melo Viana. Uma escola fica de frente para outra. Nessa época eu comecei a me dedicar ao esporte. Jogava tênis e futebol. Quando eu fui para 7ª série, simplesmente acabou Ensino Fundamental na escola que eu estudava, passando a ser apenas Ensino Médio. Foi aí que fui estudar em Belo Horizonte.

Aos 13 anos, eu jogava futebol e, como bolsista do esporte, fui estudar no Colégio Arnaldo e tive contato com as primeiras aulas de teatro, no Núcleo Cênico, coordenado pelos artistas Odilon Esteves⁸ e Nety Barros⁹. O colégio tinha um espaço para o estudo de teatro! E logo que cheguei, no primeiro dia de aula, eu já fui lá para conhecer. Seria o meu primeiro contato com o teatro, na prática.

Nesta época, tive a oportunidade de fazer aulas, participar de montagens cênicas. Lá tinha aulas de corpo, voz e interpretação, através de jogos teatrais e improvisos. As turmas do 1º ano do Ensino Médio, passavam por um processo de montagem de um espetáculo de teatro. O tema da peça era sempre sobre algum matemático, filósofo, inventor, físico, alguma personalidade importante da história.

Lembro que o meu grupo foi sorteado para contar a vida de Robert Fulton, o inventor do barco a vapor. Nós criamos os personagens, o figurino, cenário, tudo no Núcleo Cênico, sob a orientação de Odilon e Nety. A gente passava o ano todo neste processo, até o momento da estreia, das apresentações de todos os grupos.

E, ao final de tudo, tinha o dia do Oscar, que dava os prêmios de melhor peça, melhor atriz, melhor ator, melhor figurino e cenário. Numa noite de gala no auditório do Colégio, os indicados recebiam os prêmios. Nossa peça ganhou o prêmio de melhor espetáculo daquele ano. Reconheço como fruto dessa experiência algo que é da Arte e da Educação, que têm como uma de suas características em comum a libertação do indivíduo, tendo a potência de serem impulsoras de pensamentos críticos. Nesse sentido é que reconheço:

O ensino de artes na escola é necessário para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do aluno, bem como para despertar nele saberes sensíveis para com a sociedade em que vive. [...] a finalidade da arte na educação é contribuir na formação de indivíduos mais críticos e criativos, que atuarão na transformação da sociedade. (Biesdorf; Wandscheer, 2011, p.11)

⁸ Odilon Esteves formou-se no CEFART/Palácio das Artes e fez Licenciatura em Teatro pela UFMG. E de 1999 a 2002 dava aula de teatro no Núcleo Cênico do Colégio Arnaldo.

⁹ Nety Barros é atriz e professora de teatro que de 1999 a 2002 dava aula de teatro no Núcleo Cênico do Colégio Arnaldo.

Foi através do Odilon Esteves que eu conheci o Centro de Formação Artística do Palácio das Artes, o CEFAR¹⁰. Onde estudei de 2007 a 2010, e me formei em Teatro. Todo ano CEFAR abre um processo seletivo e seleciona 20 alunos para estudar teatro em um curso técnico profissionalizante.

O curso oferece professores qualificados com formações diversas, o que permite que os alunos experimentem o corpo, a voz, a escrita, o jogo cênico de várias maneiras. Tem duração de 3 anos, com aulas diariamente, de segunda a sexta, 3 horas por dia. Ao final, no 3º ano, os alunos passam por 2 processos de montagem cênica. Sendo um espetáculo dirigido por um professor da escola e outro espetáculo com um diretor convidado, escolhido pelos alunos.

No Curso Técnico em Teatro do CEFAR temos uma formação abrangente e especializada voltada para aqueles que desejam se aprofundar nas diversas áreas das artes cênicas. O curso oferece uma combinação equilibrada de teoria e prática e nos prepara para uma carreira no universo teatral.

Durante o curso, exploramos técnicas teatrais, produção de espetáculos, cenografia, iluminação, sonoplastia, figurinos e demais aspectos envolvidos na produção teatral. A abordagem prática é complementada por uma base teórica sólida, proporcionando uma compreensão ampla do campo das artes cênicas. Além disso, a versatilidade adquirida durante o curso nos permite atuar em diferentes funções, como técnicos de som, iluminadores, cenotécnicos, produtores culturais e assistentes de direção.

O que me marcou profundamente no CEFAR foi justamente ter aulas de teatro com professores-artistas, atores e atrizes que estavam atuando no mercado, naquele momento. Eu pude, em muitos momentos, assistir aos meus professores de teatro no palco. E isso fez e faz toda diferença na minha compreensão sobre o teatro. É como se pudesse perceber, na prática, o que eles falavam em sala de aula. Isso porque considero ser muito diferente o professor falar, mesmo que na aula prática, e nós, enquanto alunos, repetir. Agora, ver no palco é outra dimensão. É como um aluno de pintura poder ver uma exposição de arte do seu professor; ou como um aluno de música ir ao show ou a um concerto do seu professor.

O professor de Arte, nesse caso de Teatro, transita entre o pedagogo e o artista, mas sem extinguir em momento algumas dessas duas facetas. É importante sublinhar isso, pois “contrariando a ideia de que ao primeiro profissional se atribui apenas as questões pedagógicas

¹⁰ CEFAR é o Centro de Formação Artística do Palácio das Artes, hoje chamado de CEFART. A letra T se refere à Tecnológica. Para saber mais: <https://fcs.mg.gov.br/formacao-artistica/>

e ao segundo a dádiva do dom, propõe-se uma reflexão sobre a atuação do professor-artista” (Debortoli, 2010, p. 91).

Às vezes incompreendido, esse docente pode e deve transitar por esses dois universos, que se tornam um. Para Debortoli (2010, p. 93),

O que o diferencia do famoso “professor de arte”, que trata justamente do educador que reúne em sua prática conhecimentos artísticos e pedagógicos, é que o professor-artista mantendo-se comprometido com a educação e o ensino da linguagem cênica atua também como artista na escola. Ele busca o desenvolvimento de práticas teatrais que permitam sua atuação de forma plena, ou seja, sem desvincular-se das responsabilidades pedagógicas, atua como diretor teatral, ator, produtor, figurinista, cenógrafo, sonoplasta, etc...

Junto a leitura, é importante sublinhar que, acima de tudo, esse professor pensa criação e produz, com aquele agrupamento, oportunidades de experiências estéticas. Nesse caso, não há como desassociar o artista do professor.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2002.

Aos 18 anos, andando pelas ruas de Sabará, encontrei um anúncio no poste de luz: “INSCRIÇÕES OFICINA DE TEATRO DE RUA E CIRCO”. Na mesma hora, fui até o local indicado pelo anúncio e fiz minha inscrição. Já fiquei muito animada com esta oficina, mesmo antes dela começar, pelo simples fato do local onde seria realizada: o sobrado da antiga cadeia de Sabará. Um sobrado de andares, com grandes salas, quintal e um grande salão, no segundo andar, cheio de histórias.

A oficina acontecia todos os dias pela manhã. A gente chegava, alongava, fazíamos muitos jogos teatrais e de circo. Construíamos nossos próprios malabares, pernas de pau, e improvisávamos cenas. Nesta época, eu tinha acabado de me formar no 3º ano do Ensino Médio e não sabia muito bem o que prestar no Vestibular.

Na minha cabeça, eu queria ter uma profissão que me desse estabilidade financeira para que eu pudesse fazer teatro. Mas o que eu não imaginava, ou não acreditava, era que o teatro seria a minha profissão.

Neste momento da minha vida, eu tive a segunda virada de chave, de que fazer teatro, estudar teatro era o que eu realmente desejava. E o que era para ser apenas uma oficina com o professor Nahn de Andrade¹¹, se transformou em um grupo de teatro de rua: Trupe Pirulinga. No mesmo ano da oficina, que teve início em março de 2002, o secretário de cultura da cidade, da época, que tinha cedido aquele sobrado para gente, nos lançou um desafio, de estrear uma peça de

¹¹ Nahn de Andrade é um artista sabarense, que se formou no T.U., Teatro Universitário da UFMG, e que começou a dar aulas de teatro de rua e circo em Sabará, e que em seguida fundou, ao lado dos alunos a Trupe Pirulinga em 2002

teatro de rua e circo no festival de inverno de Sabará, que aconteceria no mês de julho daquele ano.

Aceitamos o desafio e começamos a pesquisar as lendas da cidade. E, a partir dessas histórias, começamos a improvisar e montamos o espetáculo *Dente por dente, êta Diabo*, no qual, através das estéticas do Teatro de Rua e do Circo, contávamos algumas lendas de Sabará. Assim, o grupo foi ganhando espaço e oportunidades de se apresentar pela cidade.

Neste período, de 2002 até 2007, eu tive a oportunidade de experimentar e vivenciar o teatro diariamente, entre oficinas, improvisações, pesquisas e ensaios. E a figura do Nahn no meu percurso foi essencial para o meu entendimento e para as minhas escolhas, enquanto artista e arte educadora, até os dias de hoje. Ele era e é, até hoje, um professor artista. Um atuante nos palcos.

Isso é muito significativo para mim, pois ele não só ensinava como, principalmente, praticava com a gente, em cada etapa do processo. Inclusive nas montagens, ele sempre esteve em cena. Isso, com certeza, serviu de inspiração para todo nós. Ele, como a maioria dos artistas sabarenses, estudou em Belo Horizonte, se formou e voltou pra Sabará pra ensinar. Hoje, eu percebo que a minha escolha pela Licenciatura vem muito dessas lembranças e do desejo de poder dar aulas de teatro na minha cidade, principalmente, para as crianças.

Quando criança, eu não tive essa oportunidade de fazer teatro em Sabará. E, por perceber o quanto a arte, o teatro, fez bem pra mim, pra minha vida social e cultural, é que eu, desde então, busco movimentar a cena cultural da minha cidade, seja nos palcos ou nas oficinas e nas aulas. Segundo a doutora em Arte, Educação e História da Cultura Márcia Polacchini de Oliveira (2014, p. 16),

o teatro, por intermédio de uma prática libertadora, pode proporcionar a oportunidade a adolescentes de várias idades, alunos de escolas públicas, ou melhor, educandos e educandas, de ampliar sua habilidade de criação. Esse processo criativo e construtivo permite a eles desenvolverem suas potencialidades de vivência e de convivência na sociedade, de modo mais ativo, integrados socialmente de modo mais humanizado, com mais conhecimento, conscientização e autonomia.

Mas, ao mesmo tempo que reconhecia essa potência, via as diversas dificuldades no caminho, principalmente, financeiras. Muitas vezes, eram trabalhos voluntários ou muito mal remunerados. Esse foi sempre o meu dilema: como eu iria me sustentar sendo artista? Essa pergunta me acompanhou até o momento do vestibular.

Nesse tempo, eu me dediquei ao grupo, fui experimentando, cada vez mais, as diversas possibilidades do teatro. Comecei a assistir peças, a ler, pesquisar. Porém, como o vestibular

estava chegando, eu decidi que iria fazer o curso de Engenharia e continuar com o teatro na Trupe Pirulinga, onde fiquei de 2002 até 2007, quando entrei para o CEFAR.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2003.

Aos 19 anos, chegou o momento de escolher o que fazer no vestibular, decidi que não iria fazer Teatro. Entrei para Universidade FUMEC, para cursar Engenharia. Minha mãe é engenheira civil e tinha uma construtora. Então, eu vi ali a possibilidade de entrar para o curso e já começar a trabalhar com ela, ganhar o meu próprio dinheiro para eu poder fazer teatro. E foi assim, no começo.

Eu estudava, trabalhava e fazia teatro. E o desejo despertado lá atrás, pelo Odilon, sobre o CEFAR, ficou dentro de mim. Até que, em 2007, passando em frente ao Palácio das Artes, no centro de Belo Horizonte, tinha um banner divulgando as inscrições para a turma de teatro de 2007. Fui lá, no impulso, e fiz minha inscrição. Não contei para ninguém, até o dia em que saiu o resultado.

Nem imaginava como seria o processo seletivo e também não sabia como era tão concorrido. A seleção teve duração de 3 meses - setembro, outubro e novembro, com a divulgação do resultado em dezembro. Eram 400 candidatos para apenas 20 vagas. Mas, eu estava confiante. Na primeira etapa, era uma prova de múltipla escolha, de conhecimentos gerais, e uma redação, a partir de uma cena apresentada para nós.

Foi a primeira vez que entrei no Grande Teatro do Palácio das Artes. Sentamos na plateia, recebemos uma prancheta e fizemos a prova ali mesmo e, em seguida, a cena foi apresentada no palco. Eu já estava feliz de estar ali, entre aquelas 400 pessoas que queriam estudar teatro. Nessa etapa já foram eliminados metade dos candidatos.

Já na segunda etapa, com a metade dos candidatos, a gente tinha que apresentar uma cena, de 5 minutos, para uma banca composta por 3 professores. O tema era escolhido por eles, no ato da inscrição. Lembro, como se fosse hoje, que me deram um trecho de *Medéia*, de Eurípedes, para interpretar. Aqueles 5 minutos foram os mais rápidos da minha vida, como um tiro. Sinto que apaguei e voltei quando terminou. Aí veio o resultado: passei!!!

Então, fomos para terceira etapa. Éramos, aproximadamente, 100 candidatos. Nesta etapa tivemos uma aula prática com os professores e, neste momento, a gente sabia que ficariam 40 candidatos, sendo divididos em 2 turmas. E lá vou eu, para última etapa. Ficamos por 1 semana tendo aulas práticas nas salas do CEFAR, como se já fôssemos alunos.

Nesta etapa eu já nem me preocupava mais se iria passar ou não, eu queria aproveitar cada segundo ao lado daquelas pessoas, naquele espaço. E acho que isso me ajudou, porque fiquei tranquila. No dia 8 de dezembro de 2006, saiu o resultado e lá estava meu nome, Denise Lopes

Leal, entre os 20 alunos do CEFAR, de 2007. Foi ali que começou a minha primeira experiência de estudar teatro, em uma instituição de ensino formal.

Achei que minha família não iria apoiar, mas, desde o primeiro momento, tive o apoio de todos, com a condição de terminar a faculdade, paralelamente aos estudos de teatro, no CEFAR. E foi o que fiz. Em 2008, me formei em Engenharia Ambiental e, no ano de 2010, me formei em Teatro pelo CEFAR.

Por alguns anos consegui conciliar. Mas teve um momento que tive que fazer uma escolha. E nesse momento eu escolhi o teatro e o mundo de possibilidades se abriu diante de mim.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2007.

Aos 23 anos, entrei para o curso profissionalizante de Teatro do Centro de Formação Artística do Palácio das Artes (CEFAR), onde me formei atriz em 2010, com 2 peças de teatro: “Sua cabeça é a lei de Mac”, com direção de Juliana Pautilla; e “Delírio em Terra Quente, com direção do grupo Espanca! (Grace Passô, Gustavo Bones, Marcelo Castro e Aline Villa Real). Minha trajetória, nessa fase, foi marcada por profissionais maravilhosos, comprometidos com o ensino de qualidade do teatro. Esses professores souberam transmitir isso com excelência, gerando em mim, de forma satisfatória, um misto de conhecimento e prazer. Para Spolin (2005, p.3), “experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele”. E era assim que me sentia em meio às maravilhosas aulas de teatro dessa época, totalmente envolvida pelo mundo cênico que me era apresentado.

Toda essa experiência contribuiu de forma grandiosa para meu crescimento pessoal e teve fundamental importância em minha escolha de formação profissional, como artista-professora). Nesse sentido é que concordo com o pensamento Cananéa (2016, p. 35), no qual afirma que “por sermos sujeitos históricos, os momentos que vivemos ajudaram a nos formar como pessoa. O que somos hoje tem grande influência em nossas escolhas, tanto pessoais quanto profissionais”.

A sala de aula, para mim, hoje, representa um desafio que envolve responsabilidade e comprometimento com a continuidade do plantar dessa semente que tem germinado, motivando-me a desejar que outros estudantes possam desfrutar do prazer e da potência que a arte teatral proporciona em sua prática, fortalecendo a construção de possibilidades de cidadania por meio delas e nelas próprias.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2011.

Blackout.

Ato 2 - Nos Palcos

As luzes se acendem.

Aqui começa o meu percurso com o teatro profissional. Trabalhei com o grupo *Espanca!*¹², em sua sede, no *Teatro Espanca!*, de 2011 a 2014, com produção executiva e atuação, em uma cena curta. Neste período, a partir de 2011, comecei a participar de movimentos sociais e culturais e Belo Horizonte, como a Praia da Estação e o (re)nascimento do Carnaval de Rua da cidade. Naquele momento do meu percurso, comecei, então, a trabalhar com teatro, profissionalmente. Passei a me sustentar dessa forma. Isso foi muito gratificante e, ao mesmo tempo, um privilégio, poder viver da arte. Eu trabalhava só com isso, diariamente. Eu pude conhecer, vivenciar e experimentar os bastidores do teatro, os processos de criação e acompanhar um dos maiores grupos de teatro que tínhamos em Belo Horizonte - e até posso dizer, no país, naquele momento. Conheci muitos grupos de teatro do Brasil e até do mundo. Pude viajar por vários lugares com as peças de teatro, participando dos principais festivais de teatro do país. Foi então que, mais uma vez, um leque de possibilidades se abriu para mim. E eu decidi que queria estar em cena e não nos bastidores.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2012.

O ano de 2012 marcou o início da minha vida como artista profissional. Foi também neste ano, no Carnaval, que aconteceu a criação da performance “Ei Chapolin Joga água em mim!”. Na qual eu, vestida de Chapolin Colorado, em cima de um caminhão pipa, joga água nos foliões, durante o carnaval ou durante a *Praia da Estação*¹³. A partir daí, portas foram se abrindo e eu fui entrando de cabeça e aproveitando cada oportunidade. E não parei nunca mais!

Em 2013, entrei para o projeto *Pé na Rua*, do Galpão Cine Horto¹⁴, onde montamos o espetáculo de rua “Fábulas Errantes”, com direção de Mariana Muniz. Minha primeira peça teatral profissional, após formar no CEFAR. Estreamos no Parque Municipal, em Belo Horizonte, e, em seguida, circulamos por todos os parques e praças da capital.

¹² Grupo espanca! No dia 17 de setembro de 2004 uma pequena cena pariu o grupo Espanca!. Entre 2004 e 2018, a companhia criou 8 peças de teatro, um conjunto de obras que revela sua pesquisa sobre a encenação de dramaturgias contemporâneas, propondo discussões sobre os códigos do fenômeno teatral e a escrita do que chamamos de “poética da violência”. Desde 2011, o grupo ainda mantém um espaço cultural no hipercentro de Belo Horizonte, aberto a propostas artísticas de diversas linguagens. Estima-se que os projetos da companhia já alcançaram cerca de 130.000 pessoas.

¹³ O movimento Praia da Estação começou em 2010, na Praça da Estação em Belo Horizonte, após um grupo de jovens questionar a maneira como as pessoas ocupavam o espaço público da capital. O movimento ganhou força, ocupou as ruas e contribuiu para que o carnaval de BH voltasse a lotar as ruas da cidade.

¹⁴ O Galpão Cine Horto é o centro cultural criado pelo Grupo Galpão na cidade de Belo Horizonte. Desde sua fundação, em 1998, é um espaço aberto à comunidade, comprometido com a pesquisa, a formação, o fomento e o estímulo à criação em teatro.

Era, também, minha primeira peça de rua, enquanto uma atriz profissional. No dia da estreia, me veio, na hora, a memória de quando eu tinha assistido minha primeira peça de teatro, há 21 anos, no adro da Igreja do Carmo, ao lado da casa da minha avó materna, em Sabará.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2014.

“À Tardinha no Ocidente” foi minha segunda montagem, junto à Primeira Campanha. Ao lado das atrizes criadoras Marina Arthuzzi, Marina Viana, Mariana Blanco e Dayane Lacerda, criamos o espetáculo de rua, contando a história do Brasil de forma lúdica a partir de brincadeira de criança. E, mais uma vez, tive a experiência de fazer teatro na rua.

Considerando essas experiências e, mais tarde, com pesquisa, fui entendendo que para estudar o desenvolvimento do Teatro de Rua, é necessário compreender o processo de transformação da rua como espaço cênico e as implicações socioculturais próprias deste espaço. É compreender este, também, como espaço não-convencional.

O diretor André Carreira (2007) diz que, para analisar o uso da rua da cidade de hoje, cujo modelo econômico é o capitalismo, é importante pensar o espaço da rua e o teatro na rua em algumas trajetórias históricas: uma breve revisão do desenvolvimento histórico do espaço urbano desde a Idade Média, até a cidade do projeto moderno e, como se dão as interferências do teatro nestes espaços; e ainda como estes planejamentos urbanos reverberam nas proposições das montagens teatrais.

Na cidade medieval a comunidade se organizava sob a influência e o controle da Igreja Católica. O complexo traçado das ruas estava incorporado à vida dos habitantes da cidade, nas grandes praças e estreitas ruas, onde se desenvolviam os grandes eventos sociais. As procissões e as representações dos Mistérios, os acontecimentos de rua mais importantes do período, convocavam todos os habitantes da cidade: “O traçado e a dimensão das ruas consideravam ao homem como figura central do espaço, pois estas cidades estavam organizadas especialmente para o trânsito de pedestres; suas medidas tinham como referência o homem, caminhante cotidiano” (Carreira, 2007, p. 31).

As características da cidade moderna começam a se definir na ebulição do Barroco, como expressão da crise de valores e, das oscilações das ideias próprias desse período. A cidade ainda vinha mantendo a estrutura que era herdada da Idade Média, mas, ao mesmo tempo, iam florescendo os novos usos do espaço urbano, devido ao desenvolvimento do capitalismo.

O Renascimento veio propondo, também, a elaboração do planejamento urbano:

A rua, que antes funcionava especialmente como prolongação do espaço religioso, foi se transformando em âmbito para diversas cerimônias sociais. O uso da rua nesta nova cidade, cada vez mais aberta, sofreu várias mudanças relacionadas com a divisão da

sociedade em classes e com o paulatino desaparecimento das corporações medievais. As ruas da cidade moderna foram as ruas dos príncipes e dos grandes atos festas e civis (Carreira, 2007, p. 33).

Cada vez mais, o espaço urbano foi sendo planejado e, dessa forma, foram aparecendo ruas mais largas para permitir o trânsito de veículos; foram surgindo as primeiras calçadas e, depois, as avenidas; e a rua começou a tomar a forma conhecida, atualmente. O racionalismo e o planejamento urbano trabalharam para fazer da cidade um lugar ideal para o desenvolvimento da produção industrial e do comércio em grande escala. Com isso, o homem passa a não ser mais a figura predominante na rua, ou, a rua se torna um lugar de passagem, não necessariamente de contato, relação e comunicação.

Na cidade moderna, o indivíduo perdeu o lugar para o trânsito de veículos. O lugar de encontro se tornou um lugar de travessia, em que a experiência de quem faz a travessia não é tão importante e, tampouco, o momento da travessia é importante. O importante parece ser aonde chegar.

Atualmente, na minha experiência, o Teatro de Rua parece ser motivado por um desejo de um teatro mais livre, mais aberto, não só apresentado nas salas fechadas anteriormente mencionadas. Um teatro que pretende ir ao encontro de um contato com um público, que não possui possibilidade de acesso às salas teatrais; com um público que não procura as salas fechadas por algum outro motivo; e com um público que frequenta salas fechadas e gostaria de encontrar outras aberturas. Um teatro de encontros que mexa com o cotidiano das pessoas, que circulem nas ruas dessas cidades.

Após participar dessas duas montagens, ou melhor dizendo, paralelamente a isso, veio o desejo de fazer um espetáculo teatral solo, onde a rua fizesse parte. Então, ainda no ano de 2014, eu estreei meu primeiro solo, “Se Essa Rua Fosse Minha”, com direção de Juliana Pautilla. Com ele, ganhei o prêmio Sinparc/2015 de melhor atriz.

Todos processos descritos acima, desde a minha formatura no CEFAR, se deram em Belo Horizonte, mas pulsava dentro de mim o desejo de realizar o que sempre planejei que era movimentar a cena cultural de Sabará, seja com peças de teatro, oficinas e principalmente o ensino do teatro e etc.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2015.

O ano de 2015 marca minha trajetória como professora de teatro. Pela primeira vez fui dar aulas de teatro dentro de um projeto social em Sabará, o que resultou em uma peça de teatro: “Eu tenho uma história para contar”. Abrimos as inscrições com a esperança de ter pelo menos 10

inscritos para podermos formar uma turma. Mas, para nossa surpresa, teve mais de 30 inscrições e tivemos que selecionar 20 participantes, com idade entre 12 e 30 anos.

Durante o curso no CEFAR, eu tinha um caderno onde eu gostava de anotar o que os professores falavam, mas anotava, principalmente, os jogos que eram feitos. E, nesta minha primeira experiência como professora, como artista-docente, eu inventava novas possibilidades daqueles jogos aprendidos no CEFAR. Foi assim que, ao longo do ano de 2015, experimentamos, improvisamos, pesquisamos e ensaiamos uma peça de teatro que estreou no palco do Teatro Municipal de Sabará, em dezembro daquele ano.

Foi um processo de reflexão sobre teoria e prática, sobre a atividade docente diária, no âmbito social, de reconhecimento sobre o fato de que “a arte tem uma contribuição única a dar para a experiência e a cultura humana, diferenciando-a de outros campos de estudo” (Koudela, 2006, p. 18), e isso representa um importante legado para a humanidade.

Nesse sentido, a pedagogia teatral, em si, representa um grande desafio, uma responsabilidade que é colocada nas mãos do professor-artista, que envolve o compromisso de desenvolver um trabalho focado e comprometido com a visão de que, como propõe Desgranges (2011, p. 36), “[...] a arte teatral pode e precisa ser acessível a todos”.

Foi também neste ano que, especificamente no dia 15 de fevereiro de 2015, com mais 4 artistas sabarenses (Diego Krisp, Diego Roberto, Eder Reis e Nath Rodrigues), criamos nosso grupo de Teatro em Sabará, a Sobrilá Cia de Teatro, que, em 2025, completará 10 anos.

Em Julho de 2015, estreamos nosso primeiro espetáculo teatral, com direção coletiva: “Memoria perdida ou tudo não existe”. Peça itinerante pelas ruas de Sabará, na qual contávamos histórias de tudo que existia na cidade e não existe mais. Foi um processo criativo colaborativo, onde cada um, com sua experiência, somou ao processo: Diego Krisp vindo da Licenciatura em Teatro pela UFMG; Éder Reis, Diego Roberto e eu, vindos da formação em Teatro do CEFAR; e Nath Rodrigues, da música.

Já o ano de 2016 fica marcado em meu percurso, pois foi neste ano que abrimos o Centro Cultural Sobrilá, um galpão com 300m², onde, além de ser a sede do grupo, aconteciam diversas aulas. Aqui, tive a oportunidade de dar aulas de teatro para mais de 80 alunos, entre crianças e adolescentes, e dirigir 2 montagens.

Foi neste mesmo ano que nós, da Sobrilá, estreamos nosso segundo espetáculo, “Todos os animais são iguais”, com direção de Rodrigo Jerônimo, inspirado no livro “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell. A peça também começava na rua, entrava no nosso galpão e terminava na rua, novamente. Dessa vez, convidamos um artista, um diretor, para que pudessemos passar juntos pela essa experiência de ter alguém de fora nos dirigindo, de maneira

que a gente pudesse ter a oportunidade de ser atores criadores, sem estar preocupados com a direção.

Os desejos estavam se realizando. A agente estava conseguindo movimentar a cena cultural de Sabará, não apenas com peças de teatro, mas com aulas e oficinas. Foi aí que a gente viu que poderia fazer muito mais. E, nas eleições de 2016, decidimos, coletivamente, que eu seria candidata a vereadora da cidade. Fui a candidata mulher mais votada nas eleições de Sabará para vereadora. Mas, por questões de legenda partidária, não fui eleita.

Em 2017, fui convidada pelo *grupo espanca!* para integrar o elenco do espetáculo “Passarão”. E, mais uma vez, tive a oportunidade de fazer um espetáculo na rua. A gente ensaiava nas ruas do baixo centro de Belo Horizonte, no mesmo lugar que seria a estreia do espetáculo. Nesta experiência, o real e o ficcional se encontravam.

No mesmo ano, fui convidada pela Oitis Produções para o elenco de Berenice e Soriano com direção de Fernanda Vianna e dramaturgia de Manuela Dias, peça infantil que segue em cartaz até hoje, rodando pelo interior de Minas Gerais, onde as pessoas nunca assistiram teatro, e sempre que estou ali, nas praças apresentando, olha pra plateia e me vejo, aos 7 anos de idade assistindo teatro pela primeira vez. E confirmo a cada vez, a importância que isso teve na minha vida e que pode ter na vida daquelas pessoas que hoje me assistem.

Todas essas experiências com o fazer teatral me deram e me dão uma bagagem para ensinar teatro na sala de aula. O professor-artista precisa lançar mão de diferentes metodologias, oportunizando que os estudantes conheçam o mundo da criação, estimulando-as a participar, criando, fazendo perguntas, tecendo comentários, criando suas narrativas.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2018.

Blackout.

Ato 3 - Na Estrada

A luz se acende.

Todo este caminho percorrido, me levou, aos 34 anos, a concretizar aquele desejo lá de trás, mas que, por pensar em estabilidade financeira, foi adiado. O desejo de estudar teatro na Universidade. Foi, então, que, em março de 2018, fui levada pelo coração e me mudei para Dourados, no Mato Grosso do Sul, onde fiquei até o ano de 2021. Lá, iniciei a graduação em Teatro, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

No curso de teatro da UFGD, todos os alunos entram para o Bacharelado e, no segundo ano de curso, escolhem se continuam ou se vão para a Licenciatura. E foi ali que decidi que queria ser professora e segui para Licenciatura em Teatro.

No início eu não queria cursar essa graduação, assim como muitos que conheci dentro da Universidade. Mas, o curso nos proporciona um encontro com a prática de compartilhar pedagogicamente com outras pessoas sobre o que é teatro, como fazer e como vivenciar teatro. O curso de Licenciatura em Teatro da UFGD, traz um leque de oportunidades para a vida de um artista-professor de teatro - termo que muitos usam dentro do curso, para se referir a um artista que é professor de teatro. É assim que me sinto, uma artista que ensina teatro e que o teatro me ensina a ser artista e professora.

Assim é que fato do ensinar se faz, também, presente na minha vida e que, pelo caráter do curso, a face pedagógica cresce junto a artística. Então, nascia, em mim, a artista-professora, que já estavam comigo há um certo tempo, mas, só depois das vivências acadêmicas, é que o reconhecimento e o desejo de ensinar e atuar na prática artística e pedagógica faz com que eu me reconheça, cada vez mais, enquanto professora-artista ou artista-professora.

Este reconhecimento, juntamente com minhas vivências, me faz refletir que artista e professora de teatro andam lado a lado nos palcos e, principalmente, na sala de aula, o artista-professor traz as suas experiências e os seus questionamentos, assim como, também, os dos alunos. Tudo isso surge como referência, para que o aluno compreenda melhor a arte.

Assim é que, como afirma Kamila Rodrigues Debortoli (2018, p. 96),

atuando também como artista na escola, o arte-educador mantém a arte sempre latente, possibilita resgatar e recriar a cultura, não resumindo está a produtos, mas sim, criando oportunidades para que ela seja experimentada e reinventada. O professor-artista ainda tem a oportunidade de lidar em sala de aula com a democracia intrínseca ao teatro, levantando questões perturbadoras, auxiliando o aluno a compreender melhor os acontecimentos, além de proporcionar novas perspectivas de pensamento e ação.

Em Dourados, tive a oportunidade única de vivenciar uma cultura diferente da nossa cultura mineira. Lá, 15% da população é indígena, do povo Guarani Kaiowa, ou seja, a maior população dos indígenas Guarani e Kaiowa do Brasil está em Dourados. Então, pude aprender um pouco da língua, pude compartilhar um pouco da cultura e vivenciar projetos junto a algumas comunidades. O que me fez querer, ainda mais, ser professora de teatro.

Nessa imersão local, de 2018 a 2021, fui gestora, produtora e professora de teatro no *Casulo Espaço de Cultura e Arte*¹⁵, além de desenvolver trabalhos nas aldeias indígenas. Logo que

¹⁵ Casulo é um espaço de arte e cultura que, desde 2017, oferece várias oficinas criativas e eventos de degustação artística, na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

cheguei, já fui conhecendo e me conectando aos artistas e a cena cultural local. Foi aí que, no mesmo ano, já iniciamos o processo da minha primeira peça de teatro, em Dourados, chamada “Eu me enchi de folhas quando as árvores começavam a perder os seus cabelos”. Era uma peça autobiográfica, na qual a minha parceira de cena, Graciela Chamorro, contava a sua própria história de convivência com o câncer.

Ao lado da artista Arami Arguelo, criamos a *Vagamundas Cia de Teatro* e realizamos 4 atos teatrais, peças curtas que tinham apenas uma única apresentação, com temas atuais e políticos. Neste mesmo ano vimos Jair Bolsonaro e a extrema-direita ganhar as eleições. Vi ali, em Dourados, ele ganhar com mais de 80% dos votos.

Silêncio.

Blackout.

A arte era nosso respiro nesse período.

A luz se acende.

Com texto de Luciana Lyra e direção de Camile dos Anjos, em 2019, estreamos meu segundo espetáculo em Dourados: “Quarança”. Estreamos e quando íamos começar a circular com a peça, veio março de 2020 e a PANDEMIA. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia¹⁶.

Silêncio.

Blackout.

1 minuto de silêncio.

As luzes se acendem.

Com surgimento da pandemia da Covid-19, o mundo parou. Por necessidade de sobrevivência, tivemos que nos recolher e viver em quarentena, isolados e distantes do máximo de gente possível, para se proteger de um vírus que acabou matando cerca de mais de 700 mil pessoas, só no Brasil, entre os anos de 2020 e 2021. Portanto, as aulas presenciais foram interrompidas e retomadas sete meses depois, de forma online, a distância, o que passamos a chamar de ensino remoto. E foi assim, enquanto aguardamos a vacina.

¹⁶ O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existiam surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

A pandemia afetou todo o mercado brasileiro de arte, shoppings, cinemas, shows, apresentações de dança, teatro, contato com as salas de aula. Qualquer tipo de aglomeração foi proibido por muito tempo. O uso obrigatório de máscara descartável e álcool em gel passou a existir, como forma de prevenção. Algo que foi mantido, mesmo com a chegada da vacina, pouco mais de ano de pandemia. Após um longo período isolados, as coisas foram voltando a funcionar, mesmo que de forma adaptada.

Em 2021, em meio a pandemia, mas já com vacinas, a *Vagamundas* foi realizar uma residência artística em Florianópolis. Enquanto isso, continuei cursando a Licenciatura em Teatro, online. Naquele momento, assim como muitos colegas, não me adaptei ao ensino remoto e pensava em desistir.

Foi aí que, no ano de 2022, tranquei a matrícula na UFGD e me mudei para São Paulo. Não queria mais ser professora, queria ser atriz e achava que em São Paulo teria uma grande oportunidade, o que, na verdade, foi uma decepção. Sim, tem muitas oportunidades, mas, também, tem muita gente qualificada.

Por ironia do destino, o primeiro trabalho que consegui foi como Arte-Educadora, no Instituto Gustavo Rosa. Onde fiquei desde o primeiro mês que cheguei em São Paulo, março de 2022, até o último mês em que morei lá, novembro de 2022. Um segundo trabalho foi o de produtora executiva do Museu das Culturas Indígenas, onde também fiquei até novembro de 2022, quando, então, decidi retornar para Sabará.

Em fevereiro de 2023, retornei para Minas Gerais e minha vida ganhou novos ares, novos rumos e novos projetos. Decidi que gostaria de finalizar a Licenciatura e fiz a transferência para cursar na Escola de Belas Artes da UFMG. Neste mesmo ano, comecei a dar aula de teatro em 2 projetos sociais, em Sabará, para crianças de 6 a 12 anos, no Projeto Cidadão¹⁷ e na Casa da Criança¹⁸.

Pude perceber a diferença de voltar a dar aula em 2023, quase 8 anos depois de ter dado aula para primeira turma de teatro. Pude reconhecer a bagagem que eu trazia pelas minhas vivências e, também, pela experiência da sala de aula nos estágios obrigatórios do curso de graduação.

Fui retomando a percepção de que todos podem aprender teatro a partir da abordagem que lhes for mais confortável, mais prazerosa. Assim é gerado o interesse pela aprendizagem da

¹⁷ A Associação Projeto Cidadão de Sabará é uma instituição voltada para o acolhimento de nossas crianças. Situado na rua Padre Nico, 740, Córrego da Ilha, o Projeto existe há 25 anos e tem o objetivo de formar crianças e adolescentes para a vida e o trabalho.

¹⁸ A Casa da Criança Professor Siqueira é um projeto social fundado em 1978, tendo surgido pela necessidade de um espaço para que as crianças da comunidade do Bairro Paciência e entorno pudessem permanecer para suas mães trabalharem.

atividade teatral, pela livre e espontânea vontade de aprender de forma apreciativa e voluntária e não pela obrigação de se cumprir um programa de aulas. O educando já traz consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências das mais diversas possíveis, construídas a partir de vivências, influências e de acordo com o círculo familiar e de amigos em que se insere. Diante disso, é importante fazer uso dos saberes compartilhados.

Segundo Paulo Freire (1983, p. 75), “[...] a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem”. Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem se apresenta muito rico e dinâmico se for uma constante troca de saberes, em que educador e educando estão juntos, ensinam juntos, aprendem juntos, transformam-se individual e coletivamente.

Assim, o professor não é visto como detentor de todo o conhecimento, mas atua diretamente como um facilitador do processo de ensino-aprendizagem, estimulando seus estudantes no desenvolvimento de seus potenciais individuais e permitindo que o processo seja enriquecido por meio da contribuição direta de cada indivíduo envolvido na vivência em sala de aula.

Devemos atuar com a visão crítica do que é positivo para o processo, de maneira a promover um crescimento, através da atração do estudante pelas práticas teatrais, mantendo-o envolvido por interesse próprio, por satisfação pessoal. Nesse sentido, “[...] agregar aspectos positivos que promovam melhoria no processo de ensino-aprendizagem é o desejo de todo educador” (Oliveira, 2012, p. 14).

Naquele mesmo ano de 2023 houve muitas experiências artísticas e pedagógicas. Em meio a instalação de placas de Rota de Fuga por toda cidade de Sabará, por conta das barragens de mineração, a *Sobrilá Cia de Teatro* cria e apresenta a cena curta “Rota de Fuga”, no Festival de Cenas Curtas do Galpão Cine Horto. Além disso, de abril a dezembro de 2023, fui professora de teatro para 35 crianças, de 6 a 12 anos, no Teatro Municipal de Sabará, onde montamos a peça “Por Elise”, de Grace Passo. Em setembro de 2023, tive a oportunidade de ser professora de teatro para os alunos da APAE, onde criamos uma pequena cena, apresentada no Teatro Municipal, no mesmo ano.

A cada aula ou em cada oficina, eu percebia o quanto a escolha em cursar a Licenciatura estava me ajudando, principalmente para lidar com as aulas e com os alunos de maneira mais pedagógica.

Ainda com o desejo de movimentar a cena cultura de Sabará, no dia 20 de agosto de 2023, inauguramos a *Casa Amarela Centro Cultural*, uma casa antiga, com quintal aconchegante, onde temos uma Galeria de Arte, uma lojinha colaborativa, uma cozinha e a sede da *Sobrilá*

Cia de Teatro. Atualmente, ao lado do meu parceiro Eder Reis, oferecemos aulas de teatro para 24 alunos, entre crianças, adolescentes e adultos, divididos em 3 turmas.

Ela pega a pedrinha e joga no ano de 2024.

Epílogo

O teatro me provoca profundamente, me fazendo ser resistência. É difícil pensar e refletir sobre ser artista, nesse país, pois, cada vez mais, nos limitam a expressar a nossa arte. Mas, o meu percurso reforça a resistência e existência que habita em mim. Reforço, ainda, com este relato, a importância de ter feito o Curso de Licenciatura em Teatro da UFGD e da UFMG entre os anos de 2018 e 2024, pois o mesmo me possibilitou a me encontrar e a reencontrar o meu ofício de professora de teatro, que só veio para somar com o meu lado artístico.

Hoje, percebo que todos os momentos vividos, dentro e fora dos cursos, são de extrema importância para esta professora-artista de teatro que vos relata, pois não foi fácil, em nenhum momento, enfrentar desafios com a arte de ensinar e de atuar no teatro. Portanto, sempre lembrarei com enorme carinho e gratidão das minhas experiências vividas nas áreas artísticas e pedagógicas.

A minha escolha de ser uma artista e me tornar professora de teatro tem muita importância, tanto para mim, quanto para os meus alunos. Posso ensinar, na prática, técnicas e métodos que aprendi e desenvolvi ao longo da minha carreira. A prática de ensinar pode me ajudar a aprofundar ainda mais os meus conhecimentos e habilidades, pois o ato de ensinar frequentemente leva a uma compreensão mais profunda do que abordo e do que faço, como artista e como professora.

Essa escrita é, então, sobre o meu percurso, é sobre uma menina que sempre sonhou em fazer teatro e sempre lutou pelo teatro. É sobre minhas vivências e experiências mais significantes com o teatro. É sobre construção e descobertas que me tornaram professora-artista, ao longo da minha trajetória.

Escrevi, aqui, sobre a minha trajetória versátil com o teatro, desde aquela menina que fazia da arte uma coisa séria, até os dias de hoje e pelos dias que virão. Uma artista e futura professora de teatro formada pela UFGD e UFMG, que busca, com o teatro, viver e proporcionar experiências importantes para as vidas de outras pessoas e para a sua própria.

“Feliz aquela que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”
Cora Coralina

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser Artista, Ser Professor: razões e paixões do ofício**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos/ acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. A Arte pode beneficiar até a Alfabetização na escola. [Entrevista concedida à Nova Escola], em setembro, 2019. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/18310/a-arte-pode-beneficiar-ate-a-alfabetizacao-na-escola>. Acesso em jul.2024.

BIESDORF, Rosane Kloh. WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. Revista eletrônica do curso de pedagogia do campus Jataí - UFG. Volume 2 nº 11, 2011.

CANANÉA, Fernando A. Abath L. C. **Educação popular e identidade cultural**. João Pessoa: Imprell Gráfica Editora, 2016.

CARREIRA, André. **Teatro de rua: (Brasil e Argentina nos anos 1960): uma paixão no asfalto/André Carreira**; [tradução de André Carreira]. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores Ltda., 2007.

DEBORTOLI, K. R. **Professor e artista ou professor-artista?**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 6, n. 8, p. 091-098, 2018. DOI: 10.5965/1808312906082011091. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13995>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 25 jul. 2024.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 2.ed. São Paulo: Crucite, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra – Coleção Leitura, 1996.

JOSSO, Marrie- Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Ed.: Paulus. Natal, 2010.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006

OLIVEIRA, Ailza de Freitas. O Rio da Nascente à Foz: a escola do PPP à aprendizagem. In:CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Educação e suas Interfaces: conversas em torno da educação, da arte e da cultura**. João Pessoa, PB: Gráfica e Editora Imprell, 2012b.

OLIVEIRA, Marcia Cristina Polacchini de. **Arte Em Cena: Teatro na Escola Pública como Prática de Liberdade**. Tese apresentada para obtenção de título de doutor em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2014. Disponível em: <http://tese.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2090>.

POLON, S. A. M. As histórias de vida na formação de professores in.: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. **Anais eletrônicos...**Paraná, PUCPR 2009. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2537_1119.pdf. Acesso em: jul. 2024

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005